

O Livro Digital

e as

edições-eletrônicas

ERNESTO KRAMER

EDIÇÕES UNIVERSO SEPARADO

XXI

© Ernesto Kramer – 2002
Atualizado em 2007

ÍNDICE

Dentro do contexto

O livro digital existe

Livro Digital x Impresso

A favor do livro digital

Como publicar na internet

Um caso real

Por que publicar?

Uma boa oportunidade

Problemas

Atualizações

Algumas dicas

Uma olhada no futuro

Dentro do contexto

Há bastante tempo computadores estão sendo utilizados para fazer livros. A editoração eletrônica já é velha conhecida nossa e atualmente pode ser realizada por qualquer um que tenha acesso a um computador e um software adequado. O computador faz uma parte do trabalho e o resultado final é impresso em papel.

Não falta quem afirme que o ser humano sempre vai querer papel para folhear e isso faz certo sentido, por enquanto. Mas também é possível que o avanço tecnológico nos apresente uma ferramenta que permita que a leitura seja tanto ou mais agradável que no próprio papel; ou muito mais prática.

Isto era futuro. Hoje podemos dizer que os livros estão dentro dos computadores, simplesmente integrando o mundo virtual que surgiu nos últimos anos. Eles não estão aí como uma substituição, mas como uma alternativa a mais: uma fonte de consulta, pesquisa, informação, educação ou entretenimento.

A tendência deste mundo virtual é manter correspondência com o mundo real e, assim, para ele migram publicações tradicionais: livros, revistas, jornais, etc. ocorre que o mundo virtual também tem vida própria e traz consigo as próprias publicações que não tem correspondente no mundo real.

Os baixíssimos custos de publicação e divulgação atraem as editoras tradicionais e possibilitam o nascimento das nativas do meio virtual. Os custos são apenas pequena fração comparados com uma publicação tradicional impressa em papel. Assim é este maravilhoso mundo novo, de todos e para todos. Por meio de edições eletrônicas qualquer pessoa pode publicar os textos que quiser, sem as restrições impostas por um Conselho Editorial.

As vantagens desta forma de publicação, seus pró e contras, estão expostos neste livro, que chega a assumir a forma de um pequeno manual que pode ser baixado e distribuído gratuitamente.

O Livro Digital Existe E Veio Para Ficar

Mais uma vez a ficção vira realidade nesta época de avanços tecnológicos. Os livros eletrônicos substituem o formato de papel pelo suporte digital: disquetes, CDs, DVDs e os novos formatos especializados capazes de armazenar mais de 1.000 títulos no espaço de um livro tradicional.

O termo eBook ou e-book é uma contração em inglês de “livro eletrônico” e não vejo nada demais usar um neologismo como “livro-e” ou “e-livro”, em português. Seu nascimento é relativamente recente e, no momento, é usado de forma diferente para se referir aos conteúdos digitalizados (versão virtual de uma publicação) e aos suportes eletrônicos utilizados para sua leitura (PC, portátil, palmtop, PDA ou um leitor eletrônico especializado).

Para seus defensores, as vantagens dos e-livros são intermináveis. No que respeita às editoras, eles são, sobre tudo, mais baratos: imaginem a poupança em papel, oficina gráfica, armazenamento, distribuição, empregados, etc.

Para o usuário, o principal valor extra do e-livro radica na possibilidade de sua aquisição imediata via internet; mas também podem ser vendidos em qualquer “loja real”, usando vários tipos de suportes magnéticos atualmente disponíveis.

Também aparecem cada vez mais os escritores que disponibilizam suas obras gratuitamente na Internet. Acontece assim com milhares de bandas que gravam suas criações e as apresentam ao público, que pode escutá-las ou até baixar as obras sem custo algum. Os escritores estão seguindo esta tendência, seguindo os passos de outras vertentes artísticas.

As bases técnicas já estão criadas e agora chega o momento de pô-las em prática, aperfeiçoá-las e prestar atenção aos conteúdos. As inovações prometidas para o futuro imediato – que rapidamente se transforma em passado – vão encaminhadas a fazer mais cômoda e popular sua utilização. Os avanços em inteligência artificial e em agentes virtuais nos proporcionarão bibliotecas pessoais que podem nos ajudar a navegar na imensa biblioteca virtual que a Internet sem dúvida já é. Fica para o futuro a avaliação das conseqüências desta suposta revolução editorial.

Os mais românticos sentem nostalgia dos livros tradicionais que podem ser substituídos pelo formato eletrônico. Por outro lado, para os apaixonados defensores, o e-livro trará uma revolução no conhecimento similar e até superior ao que aconteceu com a imprensa, que ajudou a vencer barreiras educativas. Mas os detratores da (velha) utopia da aldeia global denunciam que a digitalização do saber só dificultará mais o acesso aos que não dispõem de meios econômicos ou não dominam o manejo da tecnologia.

Ainda é fato que se presta para discussão, é alvo de opiniões contraditórias e até chega a ser objeto de palestras e

congressos. Há muitos pontos ainda não esclarecidos sobre sua implantação. As questões principais giram em torno ao Direito Autoral, ao Direito de Cópia e á forma de sua comercialização.

Incipientes tentativas estão começando a ser implementadas, experimentando a forma que viabilize a publicação de obras digitalizadas pela Internet. Iniciativas pioneiras dão conta dos primeiros sucessos e fracassos, e mostram algumas das possibilidades que esta mídia oferece. Formulações alternativas aos Direitos Autorais e de Cópia estão sendo propostas e discutidas por visionários vanguardistas. Formas de comercialização, baseadas no conceito de *negócio eletrônico* (e-business) estão sendo experimentadas no planeta inteiro.

Ainda são poucos os autores que se aventuram por estas vias, que apenas começam a ser trilhadas. Ainda é fácil contar os que enfrentam a incerteza de um destino na amplíssima rede de estradas (lojas) eletrônicas virtuais. Ainda são muito poucos os que realmente se interessam por estudar ou sequer conhecer as possibilidades desta nova forma de publicação e distribuição de obras literárias.

Por estas (e outras) razões é que escrevo esta pequena obra informativa. Aqui você encontra explicado como proceder para colocar sua obra na rede global, os prós e contras, os perigos que corre e as vantagens que pode obter.

Acredito que a Internet pode ajudar a muito escritor a chegar a um público leitor e que não vai tomar prejuízo por is-

so. Muito pelo contrário, pode se beneficiar de várias maneiras. Até pode ter a chance de ganhar algum dinheiro, com um investimento muito menor que a forma de publicação tradicional. Se você estiver a fim de faturar uma nota, tudo bem, é um novo caminho a experimentar. Mercado é o que não falta e está em expansão.

Mas nem sempre o interesse é ganhar dinheiro de imediato. Especialmente um produtor literário novo, desconhecido, precisa estabelecer contato com as empresas editoras que poderiam publicar suas obras. A Internet é a maior vitrine disponível, para que todo e qualquer autor possa mostrar sua produção. Isto é, além de navegantes e surfadores, também pode ser lido por editores e patrocinadores de todo o mercado de língua portuguesa, em princípio.

Desta forma o autor inverte o esquema que prevalece até hoje, ainda. Agora pode colocar sua obra para todos poderem apreciar, em um endereço só. Até se evita o “vexame” de ter suas obras devolvidas por anônimos conselhos editoriais – isso quando recebe alguma resposta.

Vejamos por outro lado: muitos escritos são de interesse limitado, seja pelo tema, o gênero, a especialidade, ou outros fatores. Isso restringe o público e geralmente não justifica uma publicação impressa nas quantidades mínimas que uma gráfica ou uma editora costumam publicar. O fator técnico tradicional conspira junto com o fator econômico, inviabilizando muita publicação que tem público alvo restrito. Essa é uma situação que é contornada por um e-livro.

Livro

Digital x Impresso

Quero deixar bem claro que rejeito toda discussão sobre a primazia de uma forma de veiculação literária sobre outra. Isso leva a nada. Mais bem vejo uma complementação entre as duas formas, na qual ambas saem ganhando; como também considero que os autores têm tudo para se beneficiar, apelando para ambas as formas.

A discussão sobre se o livro digital vai eliminar, ou não, o livro impresso e quando isso vai acontecer, redundam em uma especulação insossa. Isso é coisa que só será sabida em um futuro incerto, sobre o qual nenhum de nós tem controle.

A realidade atual nos mostra a existência das duas formas e podemos escolher um ponto de vista que as antagonize, ou outro que as complemente. É óbvio que a segunda opção é a que pode oferecer mais benefícios.

Se formos um pouco mais fundo, encontramos obras, ou tipo de obras, que parecem ser mais próprias de um sistema que do outro. Cada um tem vantagens, tanto como desvantagens. Não é porque hoje estou querendo promover as publicações digitais, que vou me posicionar contra a palavra impressa. Seria simplesmente ridículo, absurdo e inconveniente.

No mundo de hoje estamos acostumados à forma do livro impresso que nos foi legada por Seu Gutemberg. Não passaram 600 anos e, por primeira vez estamos expostos a uma nova tecnologia. Isso produz uma revolução nos conceitos, na estrutura, nos paradigmas, montados pelo sistema para explorar economicamente este veio. É compreensível que seja difícil se adaptar à nova realidade.

O sistema vigente parece definitivo, insuperável e é inflexível em extremo. Mas isso não pode nos amedrontar, nem fazer que fechemos os olhos à nova possibilidade que a tecnologia nos apresenta.

**O que queremos
nós escritores
é ser lidos**

**Será que há alguém que escreva
para guardar os livros em segredo
ou para jogar fora?**

Para nós tanto faz que nossas obras circulem escritas em pedras lascadas, tabuletas de argila, papiros, folhas de bananeira, cordões coloridos cheios de nós, em pedaços de couro, em papel, disquetes, cds, fitas ou cubinhos de cristal. O que interessa é que possam ser lidas.

Acontece que hoje existem formas de mídia eletrônica que viabilizam a veiculação e comercialização de obras literárias em um volume e a uma velocidade sem precedentes na história. Um livro eletrônico oferece possibilidades ainda nem

imaginadas por tantos dos nossos escritores contemporâneos, como podemos ver nos últimos capítulos.

Se pensa em ganhar dinheiro com isso, só lembre que este é um negócio sujeito às mesmas leis do mercado literário tradicional. Tanto pode dar como não dar certo. Ninguém pode garantir uma ou outra coisa.

É quase certo que todo escritor que quer publicar alguma coisa tem noção dos custos e do esquema que mais reprime do que facilita a publicação e a distribuição de obras literárias. Nos valores-mercado atuais, o custo mínimo de uma publicação modesta equivale ao valor de um computador não muito sofisticado, alguns softwares e periféricos indispensáveis. Os custos de criação, manutenção e marketing de um sítio pessoal podem ser conseguidos de graça.

Uma obra impressa na modalidade tradicional, mais volumosa e de qualidade material mais sofisticada, pode chegar a equivaler o valor de um carro ou até de uma casa. Na prática, ambas opções se equivalem.

A vantagem do emprego da mídia eletrônica para fins de publicação reside na sua socialização e, por que não dizer, na centralização do serviço de edição. É isso que permite baixar os custos e democratizar a possibilidade de acesso dos mais variados autores ao público consumidor.

A edição eletrônica acabou com os entraves impostos pelas limitações da publicação impressa

QUALQUER PESSOA PODE PUBLICAR QUALQUER COISA NA INTERNET

Não há Conselho Editor, planos empresariais, limitações orçamentárias, estudos de mercado, especializações temáticas, setorizações e demais.

Não acredito que isto decrete a morte do livro impresso em papel. Ao menos não a curto ou médio prazo. O longo prazo, como já disse, é imprevisível. Neste preciso momento até pode acontecer que o mercado literário eletrônico aqueça o mercado de obras impressas. É verdade que o uso do computador aumentou tanto a leitura como a expressão literária em todo nível, desde a simples nota de saudação, passando pelo relato epistolar e simples ensaios, até a produção de “pesadas” obras de complicados níveis técnicos e científicos.

Ao contrário do que se pensava e esperava não diminuiu, mas aumentou, o consumo de papel no mundo inteiro. O ser humano está usando a palavra escrita em quantidade nunca antes vista na sua história. Seja no papel ou na tela do monitor, é a palavra escrita a que estabelece a comunicação, a que passa e repassa a informação. E nunca antes se venderam tantos livros como nestes últimos anos.

Dizer que o livro virtual vai acabar com o livro impresso é tão tolo como afirmar que as novas tecnologias de transmissão de imagem e áudio pela Internet iriam acabar com a palavra escrita.

A nós humanos apenas nos resta descobrir como tirar vantagem desta situação e adaptar as novidades tecnológicas às nossas necessidades e possibilidades.

A favor do Livro eletrônico

VANTAGEM ECOLÓGICA:

Deixamos as árvores em paz, pois não precisamos de sua matéria para fazer papel.

ESPAÇO:

Milhares de livros cabem em um espaço mínimo.

BAIXOS CUSTOS:

Poupança do gasto em papel, tinta, impressão, distribuição, mão de obra e outros, como a inclusão de cores e material gráfico.

ACESSO IMEDIATO:

Desde qualquer lugar do planeta, a través da Internet. Criou e está na Rede!

FACILITA SELEÇÃO E DISPONIBILIDADE DE TÍTULOS:

Não existem mais os conceitos “livro fora de catálogo”, “estoque acabado” ou “está em falta”.

BUSCA ELETRÔNICA:

Facilita achar termos e conteúdos dentro de um mesmo livro.

LINKS DE CONTEÚDO:

graças ao hipertexto é possível conectar com diversas bases de dados.

VISUALIZAÇÃO:

O leitor pode adaptar a visualização a seu próprio gosto, diminuindo, aumentando ou mudando as fontes.

LIBERDADE:

A obra, em todos seus aspectos, não fica dependente de restrições ou direcionamentos impostos por um conselho editor.

Como Publicar na Internet

Vamos estudar o caso de uma pessoa que quer publicar sua obra individualmente.

Os requisitos básicos seriam:

dispor de um computador ou acesso a um, uma linha telefônica e um provedor de acesso à Internet. E não esqueça o pacote de programas ou softwares legalizados que precisa para montar seu esquema.

Logo vai ter que criar seu próprio sítio, tipo www.euescritor.com.br

que é onde o internauta vai achar o produto oferecido. Precisa de conhecimentos técnicos básicos, não muito complicados, para criar este endereço. Tem sítio que ajuda você chegar aí e até de graça. Têm provedores gratuitos onde é fácil montar seu próprio sítio.

Com a página virtual no ar, teria que se preocupar com a publicidade, a propaganda, o marketing. É um assunto que pode ser um pouco tedioso, mas o mundo tem que saber que você existe para acessar seu endereço; pelo menos todos os que entendem o idioma usado na obra e especialmente àqueles que se interessem pelo tema específico. Há jeito para seu site ser encontrado pelos principais mecanismos de busca e um webmaster pode tomar conta do recado.

Tudo isso leva pouco tempo, mas exige dedicação, conhecimento de informática e também, especialmente, algum dinheiro. Em alguns casos o investimento viabilizaria a impressão do texto. Mas nesse caso ainda restaria o problema da distribuição, comercialização e marketing; caso pouco considerado por aqueles que financiam suas próprias impressões, só para acabar com elas em caixas guardadas embaixo da própria cama.

O custo de impressão sem dúvida deixa de fora a grande maioria das obras literárias produzidas neste planeta

Se quiser fazer isso via Internet, possuindo os requisitos básicos de infra-estrutura, o custo é bem menor e se dilui se forem várias obras, e viabiliza o projeto para várias pessoas.

Mas, quem não tem computador segue sentado em cima de seu original

Há estudos e pesquisas que afirmam que 90% dos livros escritos não são publicados. Isso sem contar os que não são escritos, com os escritores em potencial desmotivados em vista das dificuldades e os problemas que apresenta um empreendimento desta natureza.

A coisa se complica mais um tanto para que quiser vender na Rede. Uma loja virtual não recebe dinheiro vivo e tem que facilitar os pagamentos seja via cartão, vale postal, depósito, cheque ou boleto bancário. Já estão experimentan-

do o “dinheiro virtual” para facilitar as operações com um índice aceitável de segurança.

Depois de tomar em conta estes detalhes, estaria pronto para distribuir de graça ou comercializar sua produção literária eletrônica mas, um momento, não podemos nos esquecer de um detalhe: seria bom registrar os Direitos Autorais e colocar o famoso símbolo © no lugar correspondente. Isso só é feito na Biblioteca Nacional, na sua Sede em Rio de Janeiro. Mais adiante voltaremos sobre este ponto.

Como podemos ver, não é coisa tão complicada ou tão difícil que a torne impossível. Isso é, se considerarmos apenas uma seleta minoria da sociedade humana. Poderíamos nos atrever a afirmar que o sistema apresentado tende a democratizar, mas não deixa de elitizar a possibilidade de ingresso ao mercado editorial. Mudanças sociais mais profundas seriam necessárias para modificar esta situação.

Um Caso Real

Só para ilustrar, para tentar demonstrar que o esquema pode dar certo, acho pertinente relatar um caso real. Trata-se da antológica experiência feita por Stephen King, escritor norte-americano e best-seller mundial. É bom esclarecer isso, porque pode não funcionar com qualquer um, ou pode que sim, se o material for suficientemente bom.

O caso aqui exposto, resumido e reescrito (editado), foi originalmente escrito por Maria Ercília, colunista do Portal UOL, e foi publicado no jornal “Gazeta do Paraná” o dia 20 de agosto de 2000.

“Acabamos de entrar na era do livro shareware, pela mão do escritor Stephen King. Até ontem era apenas ‘mestre do suspense’, mas hoje, como todo mundo, também tem seu plano de negócios na Internet.

King colocou um capítulo de seu livro ‘The Plant’ em seu sítio, na segunda feira passada. Apresentado na forma de um shareware, você pode pagar na hora, ou pagar depois, ou não pagar. E o preço é simbólico: só US\$ 1,00.

A pegadinha é que King só continua a colocar capítulos do livro se as pessoas (pelo menos 75% delas) pagarem. No primeiro dia 78% deles pagaram direitinho. Foram 40.000 baixadas em nove horas.

King não está começando uma revolução, já que poucos têm a popularidade dele. Dificilmente outros conseguiriam arrecadar mais de US\$ 30 mil depois de nove horas passando o chapéu entre os leitores. Mas esta experiência inovadora descobre novas e interessantes perspectivas.

Colocando uma parte do texto em seu sítio e literalmente pedindo que as pessoas paguem, Stephen King *cancelou todos os tipos de intermediação que existem atualmente na indústria cultural*, entre o artista e seu público.

Estamos acostumados a certa mistificação envolvendo os lançamentos de livros: releases, noites de autógrafos, etc. será que logo isso será realizado em um cibercafé ou em uma ciberbanca, com direito a chat-on-line e coquetel virtual?

Provavelmente se precisaria um pouco mais de marketing que na declaração histórica de King: ‘Tudo que eu sei é que tenho uma história danada de boa para contar e, se vocês pagarem, eu conto’. ”//

Passados alguns anos deste acontecimento, o exemplo de Stephen King vem sendo usado como exemplo do fracasso da edição eletrônica e comercialização de livros pela Internet. O escritor não terminou de publicar o livro inteiro, pois a maioria dos nautas não pagou os capítulos seguintes. Fica no ar a pergunta: pode ser considerado fracasso receber mais de 100 mil dólares por um livro inconcluso?

Além disso, ele segue publicando obras literárias e vendendo-as pela Internet. Deve ser muito ruim, né?

Conservando as devidas proporções, a possibilidade está aí, real e concreta, ao alcance de qualquer mortal. Nem precisa de computador, nem sítio próprio, e nem sistema de arrecadação precisa ter. Uma editora eletrônica resolve seus problemas.

Por que um Escritor Quer Publicar?

A primeira resposta encontrada é pra lá de óbvia: ***“quer publicar porque acha que aquilo que escreveu tem algum tipo de valor para outros”***.

Em muitos casos, porém, essa resposta é incompleta. Misturam-se a esta causa variadas justificativas, que vão desde a índole psicológica do indivíduo, às simples e concretas perspectivas econômicas. Não é raro encontrar que escreve porque quer ser famoso, ou imortal; tal como é freqüente achar quem quer fazer da literatura – se não um meio – pelo menos um complemento de atividade para ajudar a própria supervivência material.

Também existem muitos que precisam mostrar sua produção, ainda que mesmo não queiram nem gostem de escrever. Geralmente pertencem a segmentos ou setores profissionais ou acadêmicos, que dependem do reconhecimento público dos trabalhos que estejam realizando.

Não faltam os que escrevem por diversão. Eles sentem íntimo prazer em criar os textos mais variados, e geralmente acabam ficando na frustração por não ter meios, ou não dispor dos canais, para publicá-los. Para estas pessoas, a publicação de suas obras obedece mais ao conceito de finalização de um processo – até seu desfecho natural -, antes que a objetivos econômicos concretos ou a razões psicológicas subjetivas. Que as gráficas e editoras tradicionais dêem sua opinião, mas parece que grande quantidade da literatura disponível no mercado obedece a este padrão.

Claro, também existe uma apreciável parcela que pretende cotejar – por meio de uma publicação - se aquilo que acham tão bom e válido, verdadeiramente corresponde às suas expectativas. É certeza que nenhuma editora vai arriscar neles e são muito poucos que têm a capacidade de financiar a experiência. Sem esquecer que ainda ficaria por solucionar a distribuição e a venda, fato que muitos escritores de primeira viagem consideram em sua real dimensão e importância.

Não menos freqüente é encontrar “escritores de mercado reduzido”, os quais, pela temática abordada, não ultrapassam campos de interesse regional, local, profissional especializado ou até familiar. Eles também não são atendidos

pelas gráficas, por motivos técnicos e os relativos aos custos de tiragens baixas. Menos ainda interessam às editoras tradicionais em sua louca corrida atrás dos lucros obrigatórios das empresas.

Obviamente que não exauri o tema, nem pretendo fazê-lo. Uma visão superficial dá uma idéia e isso é tudo o que precisamos para chegar ao denominador comum, o problema que une a todos, independentemente dos motivos e gênero literário praticado: a extrema dificuldade, digamos até “o *grande sacrifício*” que representa a edição de um livro ou publicação qualquer. Dificuldades e sacrifícios que se identificam em forma primária com empecilhos econômico-financeiros, exacerbados pela absoluta incapacidade da indústria editorial para atender a demanda do mercado.

Não cabe dúvida nenhuma que é de interesse e necessidade social a criação ou “geração espontânea” de alguma forma que venha a superar as limitações da indústria gráfica tradicional, competindo com custos menores e maiores retribuições aos produtores literários, oferecendo, ao mesmo tempo, uma circulação e visualização maior às obras literárias.

A mídia eletrônica apresenta todas as características e qualidades para não só competir neste campo, mas também para estabelecer uma situação de cooperação e parceria com o mercado do produto impresso. Seu dinamismo, flexibilidade, baixa taxa de burocracia, baixos custos operacionais, fazem da mídia eletrônica um ótimo veículo para a literatura digital. Disto, a indústria editora tradicional saber,

como também está sabendo se aproveitar em seu próprio benefício.

O LIVRO IMPRESSO NÃO ESTÁ MORTO!

NEM SEQUER ESTÁ DOENTE E SEGUIRÁ COM BOA SAÚDE AINDA POR LONGO TEMPO

O que se pode observar é o nascimento de uma forma nova de publicar e distribuir, que não está em contraposição com a forma antiga ou tradicional, mas se viabiliza pelos casos que esta não pode ou não quer atender.

Uma Boa Oportunidade para o Escritor

Ainda que os e-livros por enquanto não se incorporaram ao dia a dia da pessoa comum, há sinais que o negócio está expandindo, em forma lenta mas segura. No caminho, eles estão conquistando seu espaço próprio.

A maior oportunidade que posso enxergar para um “escritor eletrônico” de sucesso é a porta aberta para um bom negócio editorial.

Uma boa forma de entrar no mundo da impressão é começar no campo do e-livro. Publicar a través das editoras tradicionais é um assunto complexo e confuso. É difícil manobrar nessa área, com os agentes hesitando em incorporar novos clientes e os editores sendo seletivos em extremo devido à quantidade de propostas e manuscritos que (literalmente) alagam seus escritórios.

A arena dos e-livros é um lugar como qualquer outro onde, se você tiver um bom produto, encontrará um editor e terá a possibilidade de ter êxito. Então, assumindo que você tenha um livro pronto para ser mostrado, o primeiro passo é achar o canal certo para publicá-lo.

Sempre existe a possibilidade de distribuir seu e-livro pessoalmente, a través de seu sítio próprio. Você não vai rachar os lucros com editor nenhum, mas também terá que

se ocupar da divulgação. Uma vez publicado – como qualquer editor poderá lhe informar – começa o trabalho de verdade! Promoção é o nome do jogo e você pode passar doze horas por dia nisso.

Quanto você quer que sua carreira de escritor tenha sucesso: muito, pouco? Planeje suas atividades de promoção de acordo com suas metas.

Seja um livro publicado por você em forma eletrônica ou um livro impresso, seu trabalho pode emplacar se acreditar nele. Outros autores de e-livros fizeram uma transição feliz ao mundo impresso. Editores de impressos estarão mais interessados em seu trabalho eletrônico se tiver um histórico estabelecido.

TIRE VANTAGEM DA VITRINE QUE LHE OFERECE A INTERNET

Problemas

A PIRATARIA

A proteção do copyright pode ser o problema que mais quebradeiras de cabeça traz ao mercado editorial, que não se diferencia do campo musical ou de imagens. Com a onda da digitalização de livros para sua distribuição na Internet, abre-se um imenso frente para as cópias ilegais.

Para os mais otimistas, a solução para os e-livros é a codificação do material, só possível de ser descriptado pelo usuário, registrado mediante código secreto. Este requisito é cumprido por programas leitores, como o Adobe Reader com seus arquivos PDF. Algo similar ao registro de programas de computador.

Ficam assim protegidos os livros vendidos por editoras e livrarias on-line, mas a pirataria não é limitada por este subterfúgio: já apareceram programas de compartilhamento eletrônico de literatura devidamente craqueada, similares aos que foram inaugurados pelo Napster nos campos da música e dos programas de computador.

A legislação ainda está usando fraldas neste assunto. Terão que ser resolvidas questões cotidianas no formato tradicional, como o empréstimo de livros. Para as bibliotecas, a resposta pode ser realizar o empréstimo de forma que, ao final do período estabelecido, o livro se apague automaticamente da memória do arquivo.

E para a pessoa que empresta o livro a um amigo? Poderá emprestar uma cópia eletrônica sem infringir a lei de direitos autorais? Qual é a forma ou o mecanismo que devolva a obra a seu legítimo proprietário?

Pelo momento, a indústria literária eletrônica não está pensando muito na proteção dos autores. Está mais preocupada na criação de um formato de arquivo padrão para todas as publicações, no mundo inteiro.

DIREITOS AUTORAIS

O maior receio dos escritores reside nos aspectos que se referem aos direitos de cópia, chamados “*direitos de autor*”.

Nada há que indique que uma obra publicada por via impressa ou eletrônica seja mais ou menos propensa ao plágio ou cópia indevida. Mundo afora, dezenas de milhares de fotocopiadoras e scanners reproduzem todo tipo de obras impressas, sem pagar direitos aos autores.

Muito provavelmente o mesmo seguirá ocorrendo com o produto digitalizado. É fato que se tornou costume em instituições de ensino e não poucas bibliotecas – públicas e privadas -, além dos consumidores individuais. Esta doença ainda não tem remédio previsto e o tema está sendo discutido amplamente, em todo o planeta.

A única coisa a ser feita para se proteger (relativamente) é registrar a obra no nome do autor na única instituição credenciada para isto. Ou seja, no Brasil, só a Biblioteca Nacional garante um registro válido juridicamente. Aliás, por lei é obrigatório este registro, para fins de cadastramento de todo o que é produzido no país

Registrar uma obra garante ao autor a propriedade intelectual e o direito de entrar com um processo judicial por uso indevido, publicação ou comercialização não autorizada de parte ou toda a obra completa.

Não jogue seu dinheiro fora inutilmente!

Não se deixe enganar:

Não existe neste país qualquer outra forma que garanta seus direitos de autor. Um registro em cartório não é válido juridicamente e também muito mais caro.

Assim, o caso se afunila a como fazer que o consumidor pague pelo que recebe, e que o produtor literário efetivamente receba a parte que lhe corresponda deste pagamento.

Existem diversos meios técnicos para viabilizar a baixada do que está exposto na tela de um monitor, fazendo que o interessado só receba a mercadoria depois que o pagamento tenha sido confirmado. É claro que quem pretende possibilitar a baixada gratuita de suas obras, está liberado desta parte.

CONSELHO EDITOR

O Conselho Editor de uma empresa editora é o maior capeta, o bicho papão, para qualquer escritor. É ele, monstro amorfo e não individualizado, quem decide o que vai ser publicado, quando, como e de que forma. Suas decisões são geralmente demoradas e, se a decisão for negativa, raramente comunicada ao escritor candidato a uma publicação.

Fora da qualidade própria da obra em si mesma, existe uma ampla variedade de considerações a serem tomadas em conta. Estas estão relacionadas com a linha editorial da empresa, com resultados de estudos de mercado, prioridades, limitações da capacidade de investimento ou de produção, planejamento periódico com pouca ou nenhuma flexibilidade, ou sei lá... o fato é que existem mais textos sem publicar que livros nas prateleiras das livrarias.

Atualizações

Só para contar vantagens, cabe mencionar uma grande diferença entre a publicação eletrônica e aquela feita em papel.

Digamos assim: o que está impressa, está impresso. Não tem volta. Não há correção possível, a não ser em uma próxima edição. Este fato é extensivo às publicações periódicas: revistas, jornais, zines, etc.

Pelo contrário, na publicação eletrônica as atualizações constantes são possíveis. Isso dá pé para corrigir erros de todo tipo, que sempre aparecem e são descobertos tarde demais. Também é possível agregar, deletar ou corrigir partes mais extensas do texto, sem maior complicação.

Funciona de forma similar a um programa de computador que, à medida que passa o tempo, vai sendo modificado, corrigido, atualizado, de acordo com o avance da ciência, sendo comercializadas novas versões cada certo tempo.

Algumas Dicas

A primeira e mais importante tem relação com as fontes empregadas. O tamanho da fonte usada no texto pode ser bem maior que a usada nos textos impressos. Tamanhos 16 ou 18 são ótimos para mostrar texto na tela. O aumento da quantidade de páginas – pelo uso de uma fonte maior – não influencia nos custos da publicação. Também se deve cuidar que a fonte seja legível na tela do monitor. Fontes não serifadas devem ser preferidas, como a Verdana, por exemplo; ou esta mesma que estou usando (Candara). Fontes como a Times New Roman devem ser evitadas a todo custo. Fontes serifadas ou artísticas só devem ser usadas em cabeçalhos, títulos, logos ou passagens curtas de texto.

A segunda dica tem relação ao uso de cores e imagens. Use e abuse de cores e imagens! Ao contrário de uma publicação impressa, isto também não encarece o valor da edição eletrônica; mas agregam valor, legibilidade e compreensão ao texto apresentado.

Uma Olhada no Futuro

Através da experimentação realizada por editores eletrônicos, uma redefinição do formato clássico do livro está acontecendo bem na frente de nossos olhos. A maioria dos e-livros, até aqui, forma ou são pouco mais que reedições efêmeras de suas contrapartidas impressas. Na realidade, os e-livros são um meio totalmente diferente. Eles podem e vão prover uma experiência de leitura totalmente diferente. Só para mencionar algumas características que podem ser incorporadas a eles:

- * Hiperlinks dentro da obra, a conteúdo da Rede e a obras de referência;
- * Links de compras instantâneas;
- * Linhas de enredo interativas;
- * Interação com outros e-livros (usando Bluetooth ou outro padrão sem fios);
- * Autoria colaborativa;
- * Atividades de jogos e comunitárias;
- * Conteúdo atualizado automaticamente ou em forma manual;
- * Capacidade de incorporar multimídia;
- * Acesso a database;
- * Manutenção de histórico e favoritos
- * Gravação de hábitos de leitura e de compras, interação com outros leitores, decisões relativas ao enredo e muito mais;
- * Tradução e conversão automática a áudio (o programa lê o texto, especial para deficientes visuais);

* Networking sem fios (scatter e pico).

Quando você está lendo uma simples edição eletrônica de um romance qualquer, pode não pensar quanto potencial este meio contém – e quanto está destinado a mudar a forma que pensamos sobre os velhos livros fora de moda.

LITERATURA DE HIPERTEXTO

Quando os e-livros se converteram numa força reconhecível há poucos anos, um mundo de possibilidades apareceu repentinamente. Não só nos termos do processo de escrever em si, mas também em relação à distribuição, financiamento e à própria definição do que é “um livro”.

As limitações da página impressa unidimensional ficaram associadas com a tradicional fórmula de tinta-sobre-papel. Para mostrar com mais realismo a complexidade das relações humanas, precisávamos de um veículo que pudesse integrar a tecnologia da computação com o amplo conjunto de métodos que existem para contar histórias.

Neste ponto apareceu o aspecto fascinante da edição eletrônica chamada *literatura de hipertexto*.

Posso acreditar que alguns leitores já estejam familiarizados com hipertexto, mas a literatura de hipertexto precisa de uma definição mais pontual. Poderíamos dizer que “é uma história orientada por computador (ou digital), que contém um ou mais links que possibilitam ao leitor pular a

pontos relativos, dentro da própria história, da forma concebida e direcionada pelo autor”.

A resposta a perguntas como: “**COMO ISTO ME AFETA?**” ou “**COMO PODE ME BENEFICIAR?**”, está contida numa só palavrinha: **POTENCIAL**. Podemos expandir a idéia afirmando que estamos no portal de uma nova era na publicação de livros e que tudo é possível de aqui para frente.

Os e-livros e a tecnologia de hiperlinks nos apresentam um futuro de potencial ilimitado. Enquanto o histórico livro de tinta-sobre-papel não mudou muito desde os dias de Gutemberg, a mídia eletrônica é tão divergente, que o leque de produtos que pode produzir virtualmente não tem limites.

Combinando gráficos computadorizados, animações, hiperlinks, música, vídeos e efeitos especiais, a literatura de hiperlinks pode se transformar no “elo perdido” entre os romances tradicionais de ontem e os e-livros de amanhã.

O potencial que se apresenta é realmente fantástico; uma mistura de todo gênero que o autor queira aprofundar. É mais um passo à frente, expandindo nossa noção do que realmente é considerado como “**LIVRO**”.

Capitalizando neste conceito, pode se combinar vários recursos de mídia, inclusive recursos 3D, para criar uma história multidimensional que envie o gênero literário diretamente ao futuro.

Enquanto o romance tradicional se apóia principalmente em colocar tinta preta em papel branco, a mídia eletrônica tem potencial de explodir em cores, som, imagens dinâmicas, excitação e uma grande quantidade de capacidades interativas.

Este ponto é extremamente plausível quando consideramos a “Geração Digital” de hoje: os jovens que foram educados com videogames e computadores. O que antes foi uma atividade passiva, a leitura pode ser introduzida a todo novo leitor como algo divertido, dinâmico e interessante. É como passar da velha máquina de fliperama ao PlayStation3.

O que os e-livros e a literatura de hipertexto nos apresentam é uma mudança de paradigma, não só na forma que vemos a transmissão de informação, mas também na embalagem, logística e o valor de entretenimento do ato de ler. Ao dizer “mudança de paradigma” me refiro à transição que nos afasta do que estávamos acostumados. Informação não é mais vista em termos de limitações, mas como um conceito de possibilidades sem fim.

Escritores e leitores não estão mais chateados com limitações de espaço, tamanho, páginas, papel ou tinta. Estamos entrando num espaço que é tão vasto como a tecnologia da computação, a Internet e o que nossa imaginação permita que seja realidade!

O futuro não está esperando pelo amanhã; está acontecendo agora mesmo e a literatura de hipertexto é um dos

veículos que nos traz a esse futuro. Estamos no vértice de algumas mudanças dramáticas na indústria editora e na forma de escrever. Elas vão atingir a forma que vemos os livros e a palavra mesma.

Fique Ligado!

Os novos suportes e formatos prometem novas e enriquecedoras possibilidades no mundo dos conteúdos, tanto na fase criativa como na hora da leitura multimídia. Clicando sobre determinada área do texto podemos enlaçar a biografia do autor e fazer várias contextualizações. As ilustrações se convertem em complemento sem o custo adicional produzido na impressão em papel. Os enlaces entre conteúdos, opcionais para o leitor, expandem o ato da leitura.

Assim, ao ler um romance extraterrestre – por exemplo – seria possível se conectar com o sítio da Rede de determinado grupo de pesquisa da Nasa, com outros livros, fotos armazenadas em lugares diversos, um dicionário de termos espaciais, um museu de óvnis, clipes da imprensa e um et-cetera amplíssimo, cheio de possibilidades nunca sonhadas por escritor algum.

Ainda que, desde o ponto de vista técnico, isto já é possível, não é uma realidade por um impedimento crucial: pelo geral, os escritores de livros não são expertos em textos eletrônicos nem em linguagens da Internet. Está na hora de expandir estes conhecimentos e incorporá-los nas obras que estejam planejando para nosso futuro.